



Revista Portuguesa  
de

# irurgia

II Série • N.º 9 • Junho 2009

# Página da S.P.C.

*Amadeu Pimenta*

Presidente da Sociedade Portuguesa de Cirurgia

Diz Thomas a Kempis, monge holandês do Sec. XIV, “O conhecimento, todo ele, tem um risco: o de fascinar”, e, avisa-nos “quando acreditares convictamente no teu muito saber, lembra-te que ele é pouca coisa quando o colocas perto do que ignoras”.

É com muito prazer que vejo, mais uma vez, aqui reunidos, para troca de conhecimentos, técnicas e ideias, cirurgiões com experiência diversa e com vivências diferentes, o que gera necessariamente um intercâmbio muito rico. Reunir em torno da tribo, diz Bento Domingues, “serve para sentir e testemunhar os laços que unem os membros do clã e reconhecer a cada um o seu lugar na linhagem”. O facto de aqui estarem colegas do norte, do centro e do sul; do interior e do litoral; de hospitais com maior ou menor número de valências; com um espectro de experiências, necessidades e maneiras de as ultrapassarem diferentes, imersos em culturas diversas e plasmados por amadurecimento vivencial em ética e em humanismo dissemelhantes, irá certamente dar lugar a um debate enriquecedor sobre o caminho a seguir no futuro na área da saúde, tecnologia, organização e opções por carreiras médicas públicas ou por implementação maior da vertente privada.

Todos sabemos que estamos numa encruzilhada que poderá mudar drasticamente o modelo que até há pouco era seguido. É, portanto, a altura de realizarmos um debate sensato e bem reflectido que nos leve a evitar a opção pelo caminho errado. Quanto mais adiarmos este debate, mais difícil será voltar atrás, haverá erros cometidos já não remediáveis e valores que poderão ter ficado demasiado longe para se reaprenderem.

Somos cirurgiões, estamos habituados a decidir e a encarar de frente o erro, e, não me parece que o não querer admitir que há erros, nos consiga convencer que eles não existem. Por outras palavras, a não admissão, mesmo que convicta, da existência dos erros que existem não leva à sua não existência.

Sabemos que há uma medicina que está a desenvolver-se rapidamente fora dos hospitais públicos, mais atraente economicamente. É essa uma rosa que cresce geneticamente modificada, sem espinhos? Quais poderão ser as consequências no futuro? Qual o impacto que irá ter na população e no pessoal que presta serviços de saúde? Não estaremos a contribuir para uma cisão entre dois tipos de população doente: os que podem e os que a não podem pagar?

A ética a discutir sobre este tema parece ter analogia com a que se discute em biologia molecular, isto é, a do acesso a genes que modificam o ser humano por um sector da população que, sendo abastado, terá acesso pri-



vilegiado à modificação do seu genoma e conseqüente melhoria da memória, da cognição, da maior força física e da longevidade. Num futuro, talvez breve, poderemos ter uma parte da população mundial com maiores capacidades de todo o tipo.

Que interesse teríamos em assistir a um jogo de rugby, em que uma das equipas, geneticamente manipulada, porque para tal teve capacidade económica, defronta uma outra que embora treinada com afinco, mantinha as capacidades humanas com que nasceu, não modificadas ?

Estamos mesmo a querer provocar este processo que leva à drenagem de profissionais mais diferenciados para o sector privado, atraídos pelas ofertas económicas inegavelmente mais tentadoras e ao afastamento cada vez maior entre dois tipos de população ?

Nos países em que o serviço nacional de saúde foi abolido ou abalado profundamente pelo mundo das finanças, onde os contratos individuais substituíram as carreiras médicas e a formação clássica nos hospitais públicos, e, sobretudo, a passagem da experiência dos mais velhos para os mais novos foi modificada, a prestação dos serviços melhorou ? A formação pós-graduada é de melhor qualidade ? Os médicos são profissionais de saúde com liberdade de decisão ou passaram a ser meros técnicos de saúde, cujo acto médico é mais ou menos condicionado pelo economicismo ?

No filme “Sicko”, Michael Moore diz muito e com graça, mas não diz tudo.

Numa altura de crise, de que tanto se fala, em que o desemprego disparou, e, diz quem sabe, que vai piorar; num país em que a maioria da população não tem seguro de saúde, e, os poucos que o têm, ele não é vitalício, termina aos 65 nos, exactamente a altura em que mais precisam de cuidados caros e complexos de saúde; que vamos escolher e porque vamos lutar ?

Certamente que pode e deve haver hospitais privados, como sempre houve para quem os pode pagar. Mas, poderão acabar os hospitais públicos de qualidade, os que irão atender a grande maioria da população ? E as carreiras médicas, deixamos que os mais novos sejam formados, ou melhor, formatados e plasmados aqui e acolá em escolas que poderão não ser as de melhor qualidade, imersos numa cultura dominada pela economia, ou vamos escolher e lutar para que o valor da vida humana seja o que há de maior preço dentro de qualquer outro valor da economia mundial ?

Debatamos e reflectamos sobre se não deveremos antes criar uma organização de serviços de saúde, equilibrada e acessível a toda a população e em que os profissionais de saúde sejam devidamente recompensados. Não pode a tutela alhear-se também dos seus recursos humanos. Como é sabido, o trabalho com a saúde é o que tem maior risco de desgaste. “A possibilidade de “esgotamento” do entusiasmo, da generosidade e da disponibilidade para o sacrifício” é uma ameaça constante. A perfeição e a qualidade tem um preço e cabe aos médicos convencer o Governo que esse preço vale a pena ser pago, que é preciso travar o mal na origem. Quando o mal cresceu, fruto das indecisões e dos longos atrasos, o remédio vem demasiado tarde.

Nos últimos anos houve verdadeira revolução no âmbito da Cirurgia Geral:



- técnicas clássicas substituídas por outras minimamente invasivas;
- aparecimento de áreas de interesse especializado (cólon e recto, esófago-gástrica, cabeça e pescoço, mama...);
- avanços em terapêuticas farmacológicas;
- alteração de estratégias de diagnóstico e tratamento com a introdução de novas tecnologias (Tac, RMN, PET, Radiologia de Intervenção);
- maior e mais empenhada participação dos cirurgiões na gestão e avaliação de desempenho.

Tudo isto traz uma necessidade de repensar como deve ser reestruturada a formação pós-graduada dos futuros cirurgiões e a educação médica contínua. Formação e não, apenas, informação técnica e científica; é preciso formar os cirurgiões com valores de ordem deontológica, ética e cultural.

A Cirurgia Geral é, como sabemos, uma especialidade com uma carreira cansativa e absorvente, onde só o estudo permanente, o trabalho árduo e a prática constante permitem atingir o patamar desejado. Requer entrega total pois tudo tem que ser cultivado ao longo da nossa existência de cirurgiões. Joaquim Bastos, escreveu que “Como todo o artista, não basta ao cirurgião o dom natural: é necessária a memorização dos factos, a actualização permanente, a reflexão sobre toda a espécie de exemplos colhidos, o debate interior da inteligência, o trabalho analítico do espírito sobre os dados acumulados”.

Não creio que sejam, hoje em dia, os proventos monetários o que atrai os mais jovens para a Cirurgia Geral. Também não será o prestígio social da cirurgia, já longe do de épocas passadas. Acredito que a motivação mais forte e aquela que faz com que, apesar de todas as contrariedades, haja ainda jovens determinados a enveredar pela especialidade de cirurgia geral, é a vocação, o desejo que se impõe às outras solicitações, de oferecer ao ser que sofre duas mãos hábeis. É este o sentimento que o leva a disponibilizar, no recolhimento de uma sala de operações, as melhores horas da sua vida, lutando, sob grande pressão, contra situações de desespero.

Os governantes têm que estar atentos e aperceber-se que de ano para ano vão sendo cada vez menos aqueles que resistem ao apelo de uma vida mais cómoda, mais tranquila e mais rentável noutras especialidades. É importante que despertem e tomem medidas urgentes antes que o País venha a sofrer as consequências duma política de falta de incentivos para que esta especialidade, de âmbito geral, não se venha a reduzir drasticamente, com os prejuízos graves que daí advêm. Há que dar incentivos aos cirurgiões, estimular a procura da especialidade pelos mais jovens e mais capazes e tomar decisões que prestigiem a especialidade. É preciso que não despertem quando já for tarde e tenhamos que importar cirurgiões de qualidade inferior para tratar os nossos doentes e a nós próprios quando formos mais velhos e incapazes de decidir.

Assim, neste momento, estaremos nós em condições de seleccionar os candidatos para entrada na especialidade de Cirurgia Geral? Penso que não. Mas, a entrevista seria importante para avaliar a vocação cirúrgica.

E a avaliação final dos nossos internos, estará a ser a mais correcta? Que fizemos nós pela formação dos nossos internos? Teremos bem presente que quando os nossos internos são avaliados estamos nós próprios a res-



ponder pelo que fizemos para que sejam cirurgiões competentes? Estaremos a exigir na avaliação de acordo com o que lhes demos?

Os médicos necessitam de acreditar que a qualidade do seu desempenho e a aposta na diferenciação é reconhecida, não só pela hierarquia institucional, como por quem os julga ao longo do percurso das suas carreiras. É imprescindível que os mais fecundos, profícuos e criativos deixem de se sentir defraudados nas suas justas ambições. Que, como alguém já disse, “o direito à diferença não justifique uma diferença de direitos”.

Decorridos estes 30 anos, embora muito tenha sido feito em prol da formação dos cirurgiões nacionais, através da realização de Congressos e Reuniões, muito pouco foi conseguido no que se refere à participação da Sociedade na organização da actividade cirúrgica em parceria com outras Sociedades, com a Ordem dos Médicos e com o Ministério da Saúde. Os cirurgiões, enquanto entidade organizada, pouco ou nada têm sido escutados nas decisões respeitantes aos modelos de gestão hospitalar, de formação pós-graduada, de formação contínua, da gestão de qualidade, dos internatos e das carreiras médicas, da creditação de eventos científicos, da contratualização e da actividade científica dos cirurgiões. Só tendo uma participação mais activa a Sociedade Portuguesa de Cirurgia poderá contribuir para que o exercício da cirurgia seja oferecido com maior sentido de profissionalismo.

A Sociedade Portuguesa de Cirurgia em boa hora decidiu instalar, faz este ano 10 anos, o programa da ATLS em Portugal. Ao longo destes anos, muitos foram os cirurgiões que puderam adquirir formação específica no trauma graças à acção de um grupo de formadores devotados. Por isso, quisemos neste Congresso e durante esta sessão de abertura homenagear todos aqueles que contribuíram para que esse programa de formação se tornasse realidade.

Organizar este e outros encontros científicos de cirurgia geral, é, nos dias de hoje, uma tarefa arriscada e pouco motivadora, dada a falta de apoios com que nos debatemos. Mas, para além disso, o treino e a formação dos cirurgiões é longa e dispendiosa, requer actualização técnica frequente e tem estado assegurada na quase totalidade pela indústria. Contudo, a indústria cada vez mais reduz os apoios à Cirurgia Geral e, por outro lado, as administrações hospitalares limitam de tal forma as margens de lucro da pouca indústria que ainda podia investir na Cirurgia, sem que, com o que lucram, invistam na formação dos cirurgiões. Por isso, é urgente que o Ministério da Saúde analise este tema preocupante quanto ao futuro da formação contínua e actualizada da cirurgia geral.

Esta Sociedade, como já foi referido, iniciou-se com a Presidência do Prof. Doutor Joaquim Bastos. Por isso, escolhi para terminar um dos muitos pensamentos deste saudoso Mestre: “Quem parar, quem se conforme com a posição conquistada, quem não procure, junto dos novos, estímulo para novas correntes de pensamento e de acção, estiola-se, não serve a sua cátedra, atraiçoa a sua missão”.

Creio que ele não se importará que eu acrescente um outro pensamento: “quem não se questionar nesta situação actual de escolha do caminho e não for buscar aos mais velhos e experientes o conhecimento que eles ao longo do tempo acumularam, atraiçoa a sua formação desbaratando a sabedoria. Tenhamos a coragem de venerar o conhecimento dos mais velhos, que nunca foi esquecido nos países do oriente.”

